



Uma urbanidade rural ou uma ruralidade urbana: estratégias de inclusão e exclusão no Galpão Crioulo¹

Maria da Graça Portela Lisboa², Centro Universitário Franciscano

Prof. Dr. Flavi Ferreira Lisboa Filho³, Universidade Federal do Pampa

Profª. Dra. Nísia Martins do Rosário⁴, Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Resumo

Esta pesquisa se propõe estudar as construções de sentidos de uma gauchidade midiática que concentra seus enunciados em aspectos da tradição cultural, mas que, ao mesmo tempo, é atravessada por enunciados das técnicas, dos formatos e dos discursos próprios dos meios de comunicação, bem como da contemporaneidade. O foco recai sobre a televisão e ainda sobre o *Galpão Crioulo – GC*, visando identificar as estratégias discursivas que se constituem nesses textos. A gauchidade do *GC* se faz, sobretudo, pela recuperação das tradições culturais gaúchas, mas também oferece feições de diversidade em termos daquilo que apresenta, num mix de tipos de música, dança, convidados, lugares.

Palavras-Chave: estratégias discursivas; televisão; produção de sentidos

1 Considerações introdutórias

Esta pesquisa faz um esforço para pensarmos uma noção que permita a coexistência das diversidades que constituem aquilo que nomeamos de gaúcho, buscando, sobretudo abranger a complexidade inerente à gauchidade televisiva. O foco do estudo, contudo, nos permite ver uma figura emblemática que reside no depositário do imaginário social, construído ao longo do tempo por vários atores sociais e que se organiza em enunciados culturais e, ao mesmo tempo, específicos de televisão. Essa mediação feita pelo midiático, entretanto, faz com que essa gauchidade seja atravessada por elementos técnicos e estéticos próprios do meio e do momento vivido.

A noção que ora desejamos trabalhar é a de que a gauchidade é a soma de elementos sociais, culturais, estéticos e midiáticos que caracterizam o discurso do e sobre o gaúcho. Tais ‘falas’ podem ser lidas na indumentária/figurino/moda, no

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduada em Design pelo Centro Universitário Franciscano (Unifra). E-mail: mglisboa@yahoo.com.br

³ Doutor em Ciências da Comunicação e Professor Adjunto do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Pampa (Unipampa). E-mail: flavifilho@unipampa.edu.br

⁴ Doutora em Ciências da Comunicação e Professora do Programa de Pós-Graduação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). E-mail: nisia@unisinos.br



linguajar/expressão verbal, no comportamento, nos hábitos alimentares, nos hábitos sociais, nas tecnologias empregadas, nos utensílios de trabalho e, ainda, nos valores tradicionais – e quem sabe até estereotipados – desse povo: a belicosidade, a coragem, o sentimento de pertencimento à terra, a honra, a importância da família, a liberdade. Nessa perspectiva, a gauchidade televisiva se configura, para além das características citadas, também pelo recorte do formato e linguagem televisuais enquanto produtores de efeitos de sentido. É preciso reconhecer ainda que o programa *Galpão Crioulo* traz direcionamentos à maneira de entender essa gauchidade (televisiva), uma vez que tem como foco a noção de gaúcho ligada às tradições, mas também compõe seus enunciados a partir de todo um conjunto de técnicas, recursos expressivos e formatos próprios do meio.

Para identificarmos se no *Galpão Crioulo* encontramos uma urbanidade rural ou uma ruralidade urbana buscaremos identificar as estratégias de inclusão e de exclusão presentes no programa. A questão que norteia nosso estudo pode ser sintetizada no seguinte enunciado: “Que estratégias discursivas se sobressaem no programa para conceber a gauchidade e como essas se interrelacionam com outras lógicas midiáticas?”

2 A contribuição dos estudos culturais

O objetivo dos Estudos Culturais é definir o estudo da cultura própria da sociedade contemporânea como campo de análise conceitual relevante e teoricamente fundamentado. Englobam-se na perspectiva de cultura todas as práticas sociais e a soma das suas inter-relações (significados, valores bem como as práticas efetivas em que estes são revelados).

Na perspectiva dos Estudos Culturais, a reprodução cultural realizada pelos *mass media* é complexa especialmente quando também se considera a relação entre o sistema cultural e a atitude dos indivíduos.

Para esta corrente, o comportamento do público tem orientação em fatores estruturais e culturais e também influenciam o conteúdo dos *mass media*, especialmente se considerarmos a capacidade de adaptação e englobamento destes meios.

Escosteguy (2005, p.160) diz que “(...) o terreno de sua investigação circunscreve-se aos temas vinculados às culturas populares e aos meios de comunicação de massa e, posteriormente, a temáticas relacionadas com as identidades (...)” Se considerarmos “culturas populares” como as regionais, em especial a gaúcha – foco deste estudo –, a televisão como meio de comunicação de massa e a temática da identidade gaúcha,



podemos verificar aspectos da proposta dos estudos culturais que podem contribuir para a análise do *Galpão Crioulo*. Entre esses aspectos, estão as reflexões teóricas acerca das identidades e da cultura regional.

Isso deve ser acrescido ao fato de que a complexa rede de produção simbólica conecta sociedade, cultura e mídia. Sendo assim, o programa *Galpão Crioulo*, tanto nos aspectos referentes à produção quanto nos aspectos relativos ao consumo⁵ é atravessado por essa trama. O GC, como bem simbólico, está situado também num contexto mais amplo que diz respeito ao âmbito televisivo, englobando tanto questões mercadológicas, quanto técnicas, de discurso, de linguagens e, claro, de conteúdo.

No objeto dessa investigação, tal trama perpassa fortemente o viés cultural, por representar práticas culturais, mesmo que selecionadas de um regionalismo gaúcho. Nessa via, a mídia acaba assumindo o papel de preservação da memória histórica ou mesmo construída de uma sociedade. Mas, ela não se limita a essa atividade, pois também atualiza hábitos, costumes e usos na medida em que apresenta tendências e modifica e/ou cria novos ritos. A recepção nessa trama conecta-se ao consumo desses bens simbólicos, engendrando o espaço de potencialização econômica da cultura em uma sociedade que faz seu movimento de translação em função do consumo. Essa recepção, portanto, acabará por retroalimentar as produções midiáticas e é justamente nas produções midiáticas que pretendemos capturar as orientações vindas do público.

Nos processos comunicacionais, por este viés, à tevê fica destinado o papel de fonte de conhecimento para consumo de informações e entretenimento. A partir do momento em que o *Galpão Crioulo* acaba sendo o único programa no seu formato na emissora, assume a função de produto simbólico de um tipo de gauchidade, já que transmite informações sobre práticas culturais de uma sociedade que se organizou em torno do rural – entre outras –, mas que se atualiza na *práxis* urbana em formatos paralelos como na música, na poesia e no figurino.

3 A análise textual: como instrumento metodológico

A análise textual, via de regra, se aplica aos programas televisivos, sobre a ótica das realizações lingüísticas e comunicacionais, ou seja, a partir de construções que trabalham com elementos simbólicos, obedecendo a regras de composição específicas para produzir determinados efeitos de sentido. Trata-se de códigos lingüísticos,

⁵ O consumo é entendido como “(...) não apenas reprodução de forças, mas também produção de sentidos” (MARTÍN-BARBERO, 1987, p.290)



gramaticais, estilísticos, culturais e ideológicos que, neste caso, recebem contribuições da semiótica e do estudo da imagem e do audiovisual.

De um ponto de vista que se dirige mais ao estudo da produção dos sentidos e dos discursos na mídia, Duarte (2008, p. 9) propõe um alargamento da própria noção de texto, para realização da análise, em função da

(...) densidade das imagens, a sobrecarga de informações, a intertextualidade feita de referências, alusões, apropriações, o desdobramento do tempo em uma série de presentes perpétuos ou em seqüência de duração desigual, exigem que se parta de entorno mais amplo: o espaço midiático.

Isso significa dizer que para além do conjunto de elementos de significação que o texto traz, para melhor interpretá-lo devemos expandir suas fronteiras, tratando-o em um contexto maior, em um entorno que lhe aporta e reforça sentidos.

Segundo Casetti e Chio (1999), podem ser elaboradas uma série de categorias para agrupar os dados considerados relevantes para a análise proposta. Podemos citar como categorias fundantes desta análise: **contexto social do programa e convidados**.

4 O corpus da pesquisa

Centrando no foco dessa investigação, o conjunto de programas que integra o *corpus* considerado para a análise é formado por oito edições do *Galpão Crioulo*: quatro acústicos e quatro programas de palco⁶ – já que não se grava mais o programa em estúdio. Corroborando esta seleção o fato de que, segundo Alencastro (2008), no ano de 2007 foram exibidos 52 edições do GC, destes 26 são programas de palco, comprados por cidades e eventos, ou seja, 50% do universo pesquisado. O restante é composto por programas acústicos. Esses números conferem representatividade à amostra desta pesquisa.

Como primeira forma de aproximação do programa, a Tabela 1 apresenta algumas características das oito edições consideradas neste estudo. No entanto, na análise mais detalhada tomaremos por base principalmente uma edição acústica e outra de palco, já que elas representam os dois tipos de formatos do programa. São elas: “Vencedores do ENART 2006” e “35ª Califórnia da Canção Nativa”, respectivamente

⁶ Os acústicos são programas gravados em locações feitas pelo programa e, geralmente, não contam com a participação do público. Os de palco são edições compradas por cidades ou eventos para serem gravados nestes locais e tem platéia.



(anexo 8). A escolha desta última é reforçada pelo fato de o pesquisador ter acompanhado as etapas de pré-produção e produção do programa *in locus*. Contudo, as demais edições que fazem parte do *corpus* são referenciadas na análise quando apresentam aspectos específicos, relevantes e peculiares que nelas tenham sido mostrados. Ou seja, outras formas de manifestação da gauchidade que não estejam contempladas nas edições-base desta investigação.

Tabela 1 – Edições do *Galpão Crioulo* que Compõem o *Corpus* Empírico

Numeração	Programa	Local	Cidade (RS)	Classificação
Edição 1 04/fev/07	Vencedores do ENART 2006	CTG Rancho da Saudade	Cachoeirinha	Acústico
Edição 2 11/fev/07	IX Fenatrigo	Parque de Exposições	Cruz Alta	Palco
Edição 3 18/fev/07	32º Expofeira de Rio Grande	Pavilhão da Feira (Lonã de eventos)	Rio Grande	Palco
Edição 4 16/set/07	Expointer 2007	Parque de Exposições Assis Brasil	Esteio	Acústico
Edição 5 23/set/07	Aniversário pelos 42 anos de Alvorada	Praça Central de Alvorada	Alvorada	Palco
Edição 6 30/set/07	Estância Velha	Pavilhão de Atividades Culturais	Estância Velha	Acústico
Edição 7 09/dez/07	35ª Califórnia da Canção Nativa	Parque de Exposições do Sindicato Rural	Uruguaiana	Palco
Edição 8 18/maio/08	Rota Rural de Porto Alegre – Troféu Açorianos	Centro de Eventos Haras Cambará	Porto Alegre	Acústico

É relevante mencionar que, a partir desse momento, os programas serão denominados pela numeração que assumiram na Tabela 1, facilitando, assim, a maneira de referência a cada um deles.

5 O contexto social do programa: as lógicas enunciativas presentes no (con)texto

A pauta do programa é bastante heterogênea e nas palavras de Neto Fagundes (2006, on-line), “democrática”, pois cada GC se torna único em função das temáticas abordadas. No entanto, nessa mesma fala, apresentada anteriormente, observamos um certo preconceito com as demais formas de manifestação e expressão da música



produzida no RS “(...) mas nunca, a verdadeira música gauchesca perderá seu espaço”. O questionável nessa postulação seria o que é considerado como ‘verdadeira música gauchesca’ e, portanto, que categorias estão incluídas ou excluídas dessa determinação. Neto provavelmente está fazendo a defesa da música nativista. Também deixa evidente certa prepotência ao dizer que o *Galpão Crioulo* é o “(...) mais importante programa da cultura do Rio Grande”, desconsiderando os demais. Ao se referir a um seleto grupo de artistas e dizer que: “(...) só para citar alguns nomes, estes sim são a verdadeira face do Galpão Crioulo”, mostra um processo evidente de inclusão e de exclusão que ratifica as considerações presentes no discurso proferido que, de certa forma, podem ser observados na categoria de análise “Convidados”. Mesmo que essas afirmações funcionem como fala de efeito – com um caráter publicitário – ainda assim trazem sentidos bem manifestos do discurso do GC. Ao falar dessa forma, Neto deixa transparecer um tom de menosprezo semelhante ao dos integrantes do MTG, entrevistados nesse estudo, ao se referirem ao próprio *Galpão Crioulo*.

Contudo, podemos afirmar que, mesmo que o contexto macro do programa seja o de tratar de músicas, lendas, poesias, pajadas e danças tradicionais do estado, tendo nas tradições culturais o seu suporte, ele extravasa esse espaço. As oscilações podem se dar tanto nos programas acústicos, quanto nos programas de palco contratados por cidades e eventos. Nesse último caso, as ênfases apresentadas seguem um *script* distinto, dependendo das demandas dessas contratações.

O contexto social abordado na edição 1 foi o Encontro de Artes e Tradição Gaúcha – ENART. Esse evento tem por finalidade, segundo o seu próprio regulamento, a preservação, valorização e divulgação das artes, da tradição, dos usos e costumes e da cultura popular do Rio Grande do Sul. Participam do ENART somente as entidades filiadas ao MTG e seus associados, que se propõem a obedecer ao Estatuto e aos diversos regulamentos definidos pela entidade. Curioso é pensar que, apesar do *Galpão Crioulo* não ter sua legitimidade reconhecida pelos entrevistados do MTG, o evento organizado e realizado pelo Movimento teve visibilidade justamente no programa que contou com a participação dos vendedores de algumas modalidades⁷. Cabe esclarecer que os artistas que se apresentaram na edição 1 foram todos premiados no ENART

⁷ Este encontro congrega durante três dias peões e prendas, que disputam premiações em cada uma das seguintes modalidades: danças tradicionais; chula (só para homens); gaitas; violino ou rabeca; violão; viola; conjunto instrumental; conjunto vocal; solista vocal; trova galponeira; declamação; pajada; concurso literário gaúcho; causo gauchesco de galpão; e danças gaúchas de salão.



2006, realizado na cidade de Santa Cruz do Sul. Contudo, o programa foi gravado no CTG Rancho da Saudade, em Cachoeirinha.

O CTG anfitrião obteve a premiação de vice-campeão nas danças tradicionais, apresentando seu grupo de dança. Os outros participantes do programa receberam as seguintes premiações: melhor grupo vocal, melhor grupo instrumental, melhor declamação feminina e melhor pajador.

No ENART 2006 a família Fagundes – da qual os apresentadores do GC fazem parte – foi homenageada e participou na apresentação do DTG do Clube da Juventude, de Alegrete, cidade natal dos apresentadores, 4ª Região Tradicionalista – RT. Um dos integrantes do grupo interpretou Nico Fagundes. Bagre, Neto e Ernesto Fagundes estavam presentes e fizeram parte das coreografias de entrada e saída do grupo. A música “Origens” tema da vinheta de abertura do GC foi apresentada pela invernada de danças do referido DTG. O grupo ficou classificado em 10º lugar no ENART. Isso, contudo, não foi dito durante o programa, foi constatado após termos assistido ao DVD “ENART 2006 – Danças Tradicionais” comercializado pelo MTG.

Na edição 7, o contexto social do programa teve como eixo principal a 35ª Califórnia da Canção Nativa de Uruguaiana, que existe desde 1971, segundo Otto *apud* FENAE (2008, on-line): “A Califórnia surgiu para resgatar e divulgar os valores da música regional gaúcha”. Originalmente, o termo califórnia vem do grego e significa conjunto de coisas belas. Com o tempo o termo adquiriu novas significações.

Foram chamadas de califórnicas as incursões que Moringue fez na Cisplatina, segundo o site POESIA-RS (2008). Também já se usou o termo para designar a corrida de cavalos realizada em busca de uma premiação. Foi inspirado nessas idéias de beleza e de competição, que os idealizadores da Califórnia a denominaram assim.

O prêmio máximo concedido no festival é a Calhandra de Ouro, símbolo da Califórnia.

Diante dos propósitos do festival fica evidenciada a envergadura dessa competição e a importância que esta adquire para o fortalecimento da cultura regional, especialmente a nativista.

Foi possível perceber em quase todos os programas do *corpus* de análise um contexto social sempre voltado para a valorização de eventos e de premiações relativas a acontecimentos ligados às tradições e, portanto, às origens do gaúcho. Os indicativos disso podem ser verificados – além dos já descritos nessa subseção –, por exemplo, na edição 2, na IX Fenatrigo, que retoma sentidos de ligação com a terra, com a estância e



com a plantação. Já na edição 8 esteve em pauta o Troféu Açorianos que homenageia os portugueses colonizadores. Enfim, a Expointer (edição 4) –feira internacional de agropecuária – que é reconhecidamente um evento que enfatiza os elementos de uma gauchidade tradicional associados a tecnologias de ponta para a agricultura e a pecuária.

6 Convidados

Nessa categoria entendemos que falar de cada um dos convidados das edições selecionada para esta pesquisa poderia tornar-se uma atividade muito descritiva em relação às contribuições na compreensão dos *modus* de expressão da gauchidade do GC. Além disso, alguns aspectos dos discursos entre apresentadores e convidados já foram relatados na subseção anterior. Optamos, então, por examinar a categoria “convidados” considerando as configurações temporais que envolvem as apresentações.

Apesar de não ser objeto de atenção de várias das análises sobre a tevê, as conformações que assumem os tempos televisivos, antes e após a edição do programa, são significativas para compreender a ordem que assumem os fatos na edição e os elementos que recebem destaque. Nessa via, o discurso televisivo é organizado em tempos de enquadramento que são delimitados pelos cortes, bem como pelo ordenamento de imagens no fluxo do programa e no uso de efeitos técnicos para fazer as passagens. Tudo isso, observado no GC auxilia a entender os seus discursos a respeito de seus convidados.

Para esse procedimento consideramos: 1) os convidados contribuem com os mais variados estilos de música (para além da nativista e tradicionalista), instrumentos musicais e figurinos; e 2) no *corpus* do estudo se tem gravado, aproximadamente, cinco horas de apresentação de convidados. Assim, decidimos por se fazer uma média dos tempos das apresentações, com o propósito de refletir sobre as gauchidades do GC em relação às temporalidades destinadas aos convidados. Não foram levadas em conta as participações dos apresentadores no cálculo da média, apenas no computo geral.

Como primeiro resultado obtivemos 17.482 segundos que divididos pelo número de 35 apresentações (relativas às oito edições selecionadas para o *corpus*), resulta em uma média de 499 segundos por apresentação, equivalente a 8,32 minutos para cada convidado.

Nesse sentido, para verificar que gauchidades são valorizadas, construímos outras duas tabelas (2 e 3). Uma (Tabela 2) apresenta os tempos televisivos dedicados a convidados que ocuparam tempo igual ou superior a 11 minutos. A outra (Tabela 3)



mostra tempos iguais ou inferiores a cinco minutos. Ressalvamos que também tiveram formações atípicas no programa, ou seja, quando um convidado se apresentou e depois foi chamado novamente para se apresentar com outro convidado. Nesses casos, os tempos de apresentação foram somados.

Tabela 2 – Apresentações Iguais ou Superiores a 11 Minutos

Edição/Tempo	Convidado	Apresentação/ Modalidade	Música
Edição 1 15'	Invernada artística do CTG Rancho da Saudade	Dança	<i>Pour-pourri</i> : “Querência, Felicidade, Cerrando o Amargo, Canto de Amor ao Rio Grande; Céu, Sol, Sul, Terra e Cor”.
Edição 3 11'23”	Renato Borghetti	Instrumental (gaita) - acompanhado de outros instrumentistas	1. Barra do Ribeiro 2. Hospitaleira Vacaria
		Formação atípica (junto com Os Fagundes)	Canto Alegretense
Edição 4 11'39”	Pedro Ortaça e família (Gabriel Ortaça)	Vocal - Acompanhado de instrumentistas	1. Ressurreição 2. Apúlio das Neves 3. Companheira
Edição 5 17'33”	Grupo Buenas e M'espalho	Grupo	1. Chacarera do Tempo 2. Vida Gineta 3. Buenas e m'espalho – a bombacha da Modernidade
Edição 6 17'20”	Joca Martins	Vocal - Acompanhado de instrumentistas	1. Domingueiro 2. Baldas de potro cuiudo 3. Onde andar
Edição 8 15'38”	Luciano Maia	Vocal e gaitero – acompanhado de instrumentistas	1. Sonho Novo 2. Fincando o garrão 3. De veio pra veio

No que tange aos resultados da Tabela 2, possivelmente a Invernada Artística do CTG Rancho da Saudade (dança) tenha obtido um tempo relevante na edição 1, contrariando a lógica do programa que dá preferência a apresentações musicais. Contudo, no ENART – evento central dessa edição – uma das principais categorias do concurso é a dança. Como a edição 1 privilegiou alguns dos vencedores do ENART 2006 parece ficar justificado os quinze minutos dedicados ao grupo de danças. Além disso, o grupo de danças integra o CTG Rancho da Saudade, onde foi realizado o programa. Antes da apresentação, os apresentadores chamam Valdir Dambros,



coordenador da invernada artística do CTG. Eles estão em pé e iniciam um diálogo, perguntando ao coordenador sobre o que será apresentado. Ele responde que serão as coreografias da entrada, da saída e do pezinho. A conversa dura, aproximadamente, dois minutos. No final da execução da dança – que é a última apresentação daquele programa – os créditos⁸ começam a passar na tela, após aparece a vinheta de encerramento do programa.

Renato Borghetti, que ocupou mais de 11 minutos na edição 3, é um instrumentista (gaiteiro) consagrado nacional e internacionalmente, tendo na essência ritmos como vanerão, chote, milonga e chamamé. Já lançou 23 discos e recebeu o primeiro disco de ouro da música instrumental brasileira, segundo Fonseca (2008). É parceiro do grupo Os Fagundes em algumas apresentações, como foi o caso da edição 3. Eles já se apresentaram juntos em lugares como o Teatro São Pedro, em Porto Alegre.

Pedro Ortaça descende de uma família de músicos. Segundo o site Página do Gaúcho (2008), o pai dele cantava e o avô e a mãe tocavam gaita. Hoje seus filhos seguem a mesma carreira, como se pôde verificar na edição 4, o que de certa forma, mostra que a herança artístico-cultural é um dos valores da gauchidade. Ele gravou seu primeiro disco em 1976 e seu estilo musical é chamado de missioneiro, pois além da inspiração indígena também compõe letras que remetem a elementos da memória de sua infância, como a música “Bailanta do Tibúrcio”. Cabe destacar que nesta edição quando Pedro Ortaça estava no palco, acompanhado de seu filho Gabriel Ortaça, os apresentadores fizeram referência ao valor da família e, nesse sentido, parabenizaram Pedro pela maneira como conduz a sua.

O Grupo Buenas e M’espalho se apresentou na edição 5 e é formado por quatro jovens: Shana Muller, Érlon Péricles, Cristiano Quevedo e Ângelo Franco. Eles se reuniram para a realização de show regional, segundo o grupo Buenas e M’espalho, em seu blog, (2008, on-line): “(...) com um pé na tradição e outro no agora, transparecendo as influências musicais do seu tempo.”. A parceria deu certo e eles produziram o CD “Buenas e M’espalho – a bombacha da modernidade”, cujo lançamento oficial se deu no *Galpão Crioulo*, no Galpão da RBS TV, no acampamento farroupilha do Parque do Harmonia, em Porto Alegre, no ano de 2008. Ressaltamos um dos trechos de sua música que diz: “Buenas e M’espalho eu não estou nem aí. A festa é gaúcha e eu também quero ir. Os da modernidade e os da tradição (...)”. De certa forma, eles fazem um movimento

⁸ Os créditos exibem o nome dos artistas com telefone para contato; nome das músicas apresentadas e seus compositores; o lugar em que foi feita a gravação; e por fim, os agradecimentos.



para o contemporâneo. Este movimento extravasa o espaço tradicionalista e o nativista, embora encontre forte vínculo com este último, pois apresenta algo “novo”, resultante de um processo de “mestiçagem”, de “hibridação”, que se pretende inclusivo e que traz um misto de jovialidade e urbanidade.

Joca Martins participou das edições 2 e 6 do programa, obtendo maior representatividade na 6. Ele, como Pedro Ortaça, traz da família a veia musical. De acordo com Joca Martins (2008, on-line), “O avô, João Corrêa Martins, tocava acordeon, violão e bandolim e isso estimulou o gosto pela música”. Ainda, quando perguntado sobre sua música, ele diz: “tem que ver com o mais terrunho sentimento de amor à terra, ao nosso povo, seus usos e costumes.” O artista possui mais de 200 músicas gravadas e participou dos principais festivais do estado como intérprete, compositor, músico ou jurado.

Luciano Maia, acordeonista, produtor musical, compositor e arranjador, participou da edição 8. De acordo com Maia (2008), possui quatro CD's gravados, sendo que um deles pelo Gaitaço de Sucessos, da Galpão Crioulo Discos, que traz regravações de músicas que são clássicos do cancionero gaúcho. Foi indicado pelo jornal Zero Hora como um dos cinco melhores CD's regionais de 2007 e Prêmio Açorianos de Música como melhor disco regional do ano.

Um aspecto que perpassa praticamente a carreira de todos os artistas que se apresentam no GC – principalmente os mencionados, mas também os outros que participaram das edições estudadas neste trabalho – são os festivais. Para Joca Martins (2008, on-line), “(...) os festivais são a base de sustentação da música gaúcha, pois revelam novos talentos e envolvem as comunidades onde são realizados.”. Podemos observar que a grande maioria dos artistas mencionados possui em comum a participação em festivais. Nesse sentido, segundo Neto Fagundes (2007), o GC

tem uma importância singular porque ele começou a projetar a imagem dos artistas, dos que participavam dos festivais, tinham seus discos, (...) sem nunca cobrar nada para que eles se apresentassem. Ele [referindo ao Nico Fagundes] nunca deixou que as gravadoras tomassem conta do programa.

Podemos inferir que o estilo musical predominante é o de caráter nativista, o que é reiterado pelo fato de muitos terem vindo dos festivais ou neles terem conseguido reconhecimento. Contudo, esses artistas são legitimados pelo *Galpão Crioulo* que, indubitavelmente, privilegia músicos com esta caminhada. Um outro aspecto comum

entre eles é o fato de apresentarem atualizações, hibridações, mesclagens em sua indumentária, com exceção do grupo de danças (edição 1), que segue a regulamentação do MTG, condição *sine qua non* para participar do ENART.

Por serem, na maioria, artistas consagrados e freqüentadores assíduos do GC, marcam explicitamente um processo de inclusão. De uma outra perspectiva, podemos utilizar as palavras dos apresentadores que afirmam que estes são “amigos de longa data do Galpão”.

Na Tabela 3 estão os convidados com menor de tempo de participação no programa.

Tabela 3 – Apresentações Iguais ou Inferiores a Cinco Minutos

Edição/Tempo	Convidado	Apresentação/Modalidade	Música
Edição 1 4'45''	Grupo Canturia	Grupo vocal	Canção para ninar Bibi
Edição 1 3'57''	Os Tropeiros	Grupo instrumental	No galope do alazão
Edição 5 4'02''	Ildefonso Milchareck	Vocal - Acompanhado de instrumentistas	Recordando a Querência
Edição 5 4'29''	Grupo Balanço Campeiro	Grupo	Bamo de balanço, bamo de vaneira

Os dois primeiros grupos da Tabela 3, apresentaram-se na edição 1, ambos são vencedores do ENART 2006 em suas categorias. Talvez, o tempo dedicado a eles tenha sido menor em função de se ter dado preferência à dança, pois esta é a modalidade que mais tem participantes no referido evento. Acrescido a esse fator, podemos considerar que esses grupos musicais são formados para participar de um evento específico da cultura regional, portanto não são músicos profissionais. Basta que eles adaptem-se as exigências presentes no regulamento do evento.

O Grupo Balanço Campeiro e Ildefonso Milchareck participaram da edição 5 do programa. Nessa edição privilegiou-se o grupo Buenas e M'espalho, descrito anteriormente, em detrimento dos demais que, apesar de terem obtido espaço, o tiveram em tempo menor. Segundo Balanço Campeiro (2008, on-line), o grupo “já tem mais de dez anos de carreira, o grupo foi formado por amigos que pelo o amor a tradição gaúcha resolveram fazer algo mais pela cultura”. Recentemente, o grupo passou a chamar-se Banda Balanço tendo em seu repertório como estilo principal bandinhas e tchê music. Justificam a mudança, segundo Perfil Banda Balanço (2008, on-line), em função “da precariedade de alguns CTGS e a falta de respeito de outros, (...) que se auto

denominam os donos da tradição como se fossem os donos da verdade”. A banda prepara-se para o lançamento do seu segundo CD.

De acordo com o Blog do Artista (2008), Ildefonso Milcharek, nasceu em Santo Antônio da Patrulha, mas reside no município de Alvorada desde 1983. É graduado em história e tem por *hobby* a música nativista focada em temas sociais e ecológicos. É cantor e compositor do grupo "Cantares e Milongas" e tem participações em coletâneas e festivais. Sua participação foi para representar “a prata da casa”, conforme disse Neto antes de sua apresentação, considerando que ele é de Alvorada.

Cabe destacar que, do tempo total de apresentações dos convidados, incluindo as participações eventuais dos apresentadores, 56% são referentes à modalidade vocal e instrumental (instrumentista) e 22% são de grupos musicais. Os menores tempos correspondem a dança e a declamação, 5% e 3%, respectivamente. Esses dados reforçam a constatação da vocação do programa para a música regional, sem, contudo, excluir outras formas artístico-culturais de manifestação da cultura regional.

No que se refere ao uso do tempo pelos condutores do GC, de um modo geral, podemos dizer que do período ocupado pelos apresentadores parte destina-se a anunciar às atrações, apresentar a temática específica do programa em andamento, bem como falar da cidade ou do evento em que se realiza a edição do programa⁹.

7 Considerações Finais

Podemos elencar três **estratégias discursivas**: as **de exclusão**, as **de inclusão** e as **de repetição**. As de exclusão configuram-se a partir das críticas, da polêmica, dos dilemas sobre o que é ser gaúcho, sobre as origens desse povo, sobre o que é valorizado e o que poderia ser mudado, melhorado, aperfeiçoado, etc. Ocorrem processos de exclusão de artistas que não tem sua carreira consagrada ou calcada no nativismo, embora possam apresentar potencialidade artística.

O programa apresenta uma gauchidade inclusiva, quando permite mesmo ao “gaúcho” mais urbanizado reconhecer-se nele, pela presença da variedade da tradição. Contudo, parece evocar no seu discurso uma memória comum, fazendo com que mesmo aqueles que não têm sua história próxima marcada pela ruralidade, pelo campeirismo, muito menos pela belicosidade imposta por tantas lutas e batalhas, se “encontre” em

⁹ “A referência concreta faz-se de um ponto de vista histórico e geográfico enfatizado pelo uso da demonstração dêitica, a qual figura junto a uma designação simbólica ou conceitual.” (SILVEIRA, 2003, p.86)



uma poesia declamada, em uma letra cantada, em uma pajada enunciada, em um visual apresentado. É relevante observar que as guerras, as peleias, os confrontos não são abordados como uma característica negativa. Muito pelo contrário, embora sejam desprezíveis as ações que conduzam a práticas belicosas, delas se resgata apenas o lado heróico, destemido e corajoso do homem, para somar na construção das marcas de identificação do povo gaúcho.

Ainda por mais que estes indivíduos não saibam andar a cavalo, não tenham uma bombacha no guarda-roupa ou um CD/DVD regional na prateleira, mesmo assim o GC conecta o espectador a uma gauchidade própria que comparece a “este encontro”, através do hábito do chimarrão, do churrasco, da frequência musical de uma rádio ou de um noticiário regional. Os processos de inclusão se dão também com relação aos artistas que já tem algum tipo de reconhecimento no meio, capaz de conferir credibilidade ao programa, ou mesmo daqueles que são “amigos” do *Galpão*.

A repetição se dá no estilo do programa adotado pela produção, nos artistas que são presença constante, no que é contado, cantado e citado, reforçando os mesmos traços identificatórios, o que necessariamente não se configure em algo negativo, tendo em vista a escassez de programas com este caráter.

Tudo isso, faz com que a identidade do *Galpão Crioulo* seja marcada pela música nativista, pelos artistas (intérpretes, instrumentistas e compositores) que trazem em suas melodias as histórias, lendas e o folclore sul-rio-grandense tradicional, por uma estética cenográfica com elementos que remetem ao rural e pelo uso de expressões que lembram a práticas campeiras.

Referências Bibliográficas

- CASETTI, Francesco; CHIO, Frederico di. **Análisis de la televisión:** instrumentos, métodos y prácticas de investigación. Paidós: Barcelona, 1999.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Os estudos culturais. In: HOHLFELDT, Antonio. **Teorias da Comunicação.** 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- DUARTE, Elizabeth Bastos. **Televisão:** ensaios metodológicos. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 1997 (1999).
- _____. Quem precisa identidade? In: SILVA, T.T. et al. **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.
- JACKS, Nilda. **Mídia nativa:** indústria cultural e cultura regional. Porto Alegre: EdUFRGS, 1998.
- _____. **Querência:** cultura regional como mediação simbólica: um estudo de recepção. Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- _____; CAPPARELLI, Sérgio (coords.). **TV, família e identidade:** Porto Alegre “fim de século”. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.
- OLIVEIRA, Alberto Juvenal de. **Dicionário gaúcho:** termos, expressões, adágios, ditados e outras barbaridades. 3. ed. Porto Alegre: AGE, 2005.



OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992 (2006).

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 2005.

SILVEIRA, Ada Cristina Machado da. **O espírito da cavalaria: e suas representações midiáticas**. Ijuí: EdUnijuí, 2003.

ZATTERA, Véra Beatriz Stedile. **Gaúcho, vestuário tradicional e costumes**. Porto Alegre: Pallotti, 1997.

Sites

BALANÇO CAMPEIRO. Disponível em: <http://www.balancocampeiro.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=1&Itemid=>. Acesso em: 08 de nov. 2008.

BLOG DO ARTISTA. Ildefonso Milcharek. Disponível em: <<http://tchemil.blogspot.com/>>. Acesso em: 17 de nov. 2008.

BUENAS E M'ESPALHO. Disponível em: <<http://www.buenasemespalho.blogspot.com>>. Acesso em: 27 de set. 2008.

FENAE. Disponível em: <web.fenae.org.br/lumis/portal/file/fileDownload.jsp?fileId=FF808081168B50D80116A1545D7E60F5> Acesso em: 08 de nov. 2008.

FONSECA, Juarez. Disponível em: <http://www.renatoborghetti.com.br/o_artista.asp>. Acesso em: 27 de set. 2008.

JOCA MARTINS. Disponível em: <<http://www.jocamartins.com>>. Acesso em: 27 de set. 2008.

MAIA, Luciano. Disponível em: <<http://www.lucianomaia.com/>>. Acesso em: 08 de nov. 2008.

PERFIL BANDA BALANÇO. Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#Profile.aspx?uid=6183060060934773295>>. Acesso em: 08 de nov. 2008.

POESIA-RS. Disponível em: <<http://poesia-rs.blogspot.com/2008/06/califrnia-da-canonativa.html>>. Acesso em: 08 de nov. 2008.